POVO MANCHINERI: Mobilidade Territorial e Cultura.

Alessandra Severino da Silva Manchinery
PIBIC-UFAC
amanchinery@gmail.com

Profª. Drª. Maria de Jesus Morais
mjmorais@globo.com
Universidade Federal do Acre

RESUMO

Esta comunicação tem como objetivo discutir a mobilidade territorial estabelecida entre o povo Manchineri, das Terras Indígenas localizadas no Estado do Acre/Brasil, em Madre de Dios/Peru e em Pando/Bolívia. A mobilidade territorial envolve complexos laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não-migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco e amizade. Nesta pesquisa aliamos o sentido da fronteira no cotidiano desse povo, tanto internamente, no sentido de limites da Terra Indígena, quanto o de limite internacional. Aliamos também o sentido de mobilidade territorial e o de cultura nas relações estabelecidas na tríplice fronteira. A ferramenta metodológica deste estudo é a história oral, com isso buscamos entender na versão do povo Manchineri a mobilidade a partir dos laços afetivos e também dos fatores de "atração" e de "expulsão" levados em consideração na hora de se deslocar. Este caminho metodológico tem o intuito de compor a partir da fala dos Manchineri as redes migratórias, estabelecidas por eles, na região da tríplice fronteira e também os aspectos culturais na região fronteiriça.

Palavras chaves: Manchineri, Regiões Fronteiriças, Povo Indígena.

INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo discutir as redes migratórias estabelecidas entre o povo Manchineri, das Terras Indígenas localizada no Estado do Acre, e o povo Manchineri que vivem no Peru e Bolívia. Entendendo que as redes migratórias são agrupamentos de indivíduos que mantém contatos recorrentes entre si, por meio de laços ocupacionais, familiares, culturais ou afetivos.

Os estudos sobre migrações em região fronteiriça adquirem crescente importância na atualidade principalmente em regiões que passam por processos de integração transfronteiriça, como é o caso da região de Madre de Dios (Peru), Acre (Brasil) e Pando (Bolívia).

A fronteira, como sabemos, é o traço definidor de poderes territorialmente instituídos, ou seja, das divisões político-administrativas entre

Estados, mas, também é uma zona de interação, pois relações com os povos vizinhos é parte constitutiva da vida regional.

Daí, a importância da compreensão da constituição do território e de suas fronteiras que são produzidos em um e outro lado dos limites. Neste trabalho concebemos território para além da dimensão jurídico-administrativa, de corpo do Estado-nação, de áreas geográficas delimitadas, reconhecidas e controladas pelo Estado nacional. A região fronteiriça é formada pelas práticas ligadas à existência da fronteira, e nesse caso a fronteira aparece como precursora de integração. Em lugar de zonas de separação, as regiões fronteiriças são pontos de convergência, e nesse sentido o contínuo geográfico é tomado como uma oportunidade para incrementar fluxos comerciais e de serviços. No caso em tela, da fronteira tri-nacional na Amazônia Sul-Ocidental, formada pelo Estado do Acre, Departamento de Pando e Departamento de Madre de Dios as iniciativas dos três governos e também de outros agentes como o IIRSA, tem caminhado em direção a formação de uma região fronteiriça.

O morador da fronteira ou o migrante fronteiriço é aquele que melhor vivencia a ambigüidade das lógicas territoriais, pois ao mesmo tempo em que se depara com o controle rígido das barreiras dos limites internacionais, convive com múltiplas redes de trocas comerciais, culturais e até mesmo políticas, de caráter transfronteiriço.

Entendemos que a migração é um "fato social completo" e uma condição social: a condição de ser e/imigrante. Assim, há o 'emigrante', aquele que saiu de sua própria sociedade, e há o 'imigrante', aquele que chegou a uma terra de estranhos: o paradoxal é que ambos são a mesma e única pessoa. O migrante carrega então, uma dupla condição: o de ser ao mesmo tempo e/imigrante, mas como não se pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, sua existência individual e social é ambiguamente vivida para o grupo de onde parte e para o grupo aonde ele chega (Sayad, 1998: 243).

No caso da migração indígena ela é de dois tipos: as locais, quando o individuo se desloca a espaços geograficamente contíguos, que pode lhe ser familiar ou não e, as circulares, quando o individuo se desloca para lugares por um determinado intervalo de tempo e depois retorna a sua origem (Truzzi, 2008).

Esta proposta de pesquisa relaciona a questão da criação e definição de territórios indígenas e a própria dinâmica econômica regional para entender as redes migratórias do povo Manchineri. Ao ser delimitado as Terras Indígenas estas, na maioria dos casos, é muito menores do que o território de fato considerado pelos índios, nesse sentido pergunta-se: Qual o sentido da fronteira? No caso dos Manchineri, duas fronteiras: a interna que delimita a Terra Indígena no Acre e a externa, que delimita a fronteira internacional com o Peru e Bolívia. Nesse sentido pergunta-se qual o sentido de fronteira para povos indígenas? O que ela marca ou delimita?

POVO MANCHINERI E SUAS REDES MIGRATÓRIAS

Na perspectiva de entender as redes migratórias do povo Manchineri se faz necessário uma breve descrição da *história de contatos* e da dinâmica econômica regional na qual estão inseridos.

A *história de contato* dos índios, do Acre, com os não-índios é narrada em diferentes "tempos históricos", conforme proposição do antropólogo Txai Terri Valle de Aquino. O tempo mais remoto é denominado como "de antigamente", antes da chegada dos nordestinos. Com o início do extrativismo das *heveas* se instala o "tempo das correrias".

Concomitante a esse tempo se inicia o "tempo do cativeiro", o tempo no qual o índio trabalhou nos seringais, como seringueiros, agricultores, mateiros. Já o "tempo dos direitos" está relacionado à "descoberta" dos direitos indígenas, propiciados pelo CIMI e pela conquista territorial, a partir da atuação da FUNAI no Acre e, o "tempo da revitalização cultural" (concomitante ao anterior) são os anos recentes, do "resgate" das tradições e da implantação de uma "educação diferenciada" que fomenta a discussão cultural. A estrutura deste texto será a partir desta matriz metodológica da *história do contato.*

Tempo de antigamente

Os povos indígenas do atual estado do Acre, antes da chegada dos migrantes nordestinos que serão responsáveis pelo corte do látex e pela "conquista do Acre", viviam nas bacias hidrográficas dos altos rios Purus e Juruá, eram mais de 50 etnias e estavam territorializados ao longo dos rios. No

Purus predominava os grupos lingüísticos Arawá e Aruak e no Vale do Juruá o grupo Pano (Neves, 2004: In: Morais, 2008).

O Povo Manchineri é citado em vários relatórios da segunda metade do século XIX, em textos do geógrafo inglês W. Clandless, do caboclo Manuel Urbano da Encarnação e do seringalista Antonio Labre. Segundo Relatório de Manuel Urbano da Encarnação do século XIX no inicio da colonização da Amazônia, havia 18 tribos entre elas estavam os Maneteneri, nas redondezas do Juruá e eram mais ou menos conhecidas, e nos influentes do Purus muitas outras. Os que apareciam podem-se calcular em 5.000. As tribos até então conhecidas eram: Mura, Pamari, Catauxi, Caripuna, Cipó, Mamuri, Uapuça, Catuquina, Crupali, Tará, Paru, Ipuriná, Pamaná, Quaruná, Juberi, Jamamadi, Canamari e Maneteneri, que são os atuais Manchineri (Brasil, 2009).

A ligação dos Manchineri com povos do Rio Beni já aparecem em XIX. Estes foram guias para as grandes expedições do vale do Purus e do Juruá. Questão essa comprovada pelos antigos varadouros que seriam extremamente importantes para o estabelecimento de rotas comerciais fixas entre o sul do Acre e o norte da Bolívia já durante o período de abertura dos seringais em fins do século XIX (Brasil, 2009). Questão esta corroborada por algumas lideranças indígenas, como podemos ler nesta de José Severino Manchinery:

> *Antigamente o Povo Manchineri percorria de cabeceira em cabeceira os rios Tawahano, o Pedra e o Ucayali, e isso fica no Peru. Mais o Povo Manchineri toda vida morou aqui mesmo no Rio Iaco até o "branco" chegar. A gente tinha uma grande maloca bem em frente ao Seringal Boa esperança até a boca do* (Rio) *Abismo e também era habitado pelos Manchineri.*
>
> *Junto com os Manchineri viviam outros povos, os Katiana e Jiwutane. Hoje me lembro que vive um Katiana no Seringal Icuriã e outro povo não existe mais, porque quando o boliviano caucheiro fez a correria com os Manchineri os Jiwutana morreram ou ganharam mata e não aparecem mais (José Severino da Silva em 03/03/2010. Entrevista realizada por Alessandra Manchinery).*

Tempo das correrias e do cativeiro

Os Manchineri foram, no final do século XIX, atingidos por duas frentes extrativas. Do lado peruano vinha à frente de extração da *Castilloa elastica*, do caucho e, do lado brasileiro, pela frente de extração da *hevea brasiliensis*, da seringa. Desse contato resultou, além da redução demográfica, a migração forçada, a desorganização sociocultural e a expropriação territorial (Piccoli,

2006). No "tempo do cativeiro" os Manchineri trabalhavam no Seringal Petrópolis e além de cortar seringa, também trabalhavam na fazenda 'batendo campo'. "Os índios trabalhavam como peões, derrubando as matas para fazer novos campos".

Alguns deles trabalhavam também como caçadores e todo tipo de serviços braçais, mas o maior contingente indígena era usado para a manutenção e abertura de novas pastagens, como ressalta o sertanista Meireles (Aquino & Iglesias, 2008). Da identificação dessa população como indígena, em meados da década de 1970, só em 1985 a Terra Indígena Mamoadate foi demarcada, após mais de uma década de reivindicação política pelo reconhecimento de seu vínculo territorial. Essa história é contata pelos próprios índios da seguinte forma:

> *Em nosso passado fomos o povo mais guerreiro e caçador de nossa região. Somos conhecidos por nossas enormes canoas que são longas e estreitas e feita de cedro por homens mais velhos e experientes. Segundo estimativas, em nosso passado, fomos mais ou menos 2.000 pessoas, ocupando desde o alto Iaco, a partir do igarapé Abismo, até o seringal Nova Olinda e seringal Petrópolis, chegando até mesmo a Sena Madureira e Assis Brasil. Os Manchineri compartilham com os Piro, no Peru, (e são do mesmo tronco línguinstico o aruak (do ramo Maipure)) boa parte de seu sistema sócio-cosmológico, podendo ser considerados grupos que fazem ou já fizeram parte de um mesmo povo. Em território brasileiro, a maioria dos Manchineri habita na Terra Indígena Mamoadate, havendo ainda muitas famílias vivendo em outros seringais no Acre, sobretudo no interior da Reserva Extrativista Chico Mendes e Seringal Guanabara, hoje em processo de demarcação, que se encontra em menor número nesta área, no São Francisco e no Macauã, bem como na cidade de Assis Brasil*.
>
> *Nós Manchineri antes do contato e de exploração das frentes extrativistas e dos caucheiros peruanos, éramos vários grupos divididos que formávamos os Yineri (gente) e Yine (nós), morando todos próximos e casando-se entre si. Só os antigos Piros que não viviam como um único povo, mas eram divididos em muitos grupos, ou seja, o neru. Cada grupo tinha um nome, como os Manxineru (povo da árvore), Tamamuri (mãe Lua ou mãe caiçuma), Koshichineru (povo pássaro pequeno), Nachineru (povo faminto), Getuneru (povo sapo) e Gimnuneru (povo cobra). Viajávamos acima e abaixo para confeccionarmos nossos vestimentas e outros acessórios. Além de praticar um pouco da comercialização com outros Povos. O que nunca vendíamos e nem trocávamos era nosso Poncho (roupa longa que cobre pernas e braços e é feito da colheita do algodão) pelos antigos Manchineri.*
>
> *Nós Manchineri passamos a sofrer com as correrias por causa das duas frentes de pressão: do Peru para o Brasil, por caucheiros, e do Amazonas para a Bolívia, por extratores de borracha que se fixaram com suas famílias na região. No primeiro momento não formos incorporados como mão-de-obra extrativista. Só a partir da queda da borracha é que fomos obrigados a cortar*

caucho e seringa e até trabalhar para os patrões em suas casas e assim homens e mulheres até crianças, começaram a servir como mão-de-obra barata, fazendo serviços para os enriquecimentos dos patrões.

Uma das estratégias para tentar controlar o Povo Manchineri foi a destruição de nosso modo vida, nossos costumes, nossas línguas, tradições e crenças que ainda hoje, são preservadas. Um dos principais aspectos que levaram o povo Manchineri a servir de mão-de-obra barata foram os grandes conflitos grupais e inter-grupais de Manchineri e outros povos do tronco lingüístico aruak, pano e arauá. Tal conflito que gerou a extinção de alguns povos, assim como os Catianas que viviam no mesmo território que os Manchineri e eram menores em números.

Após a exploração gumífera, que causou grande perda territorial, cultural e um processo de dispersão de nosso povo, buscamos resgatar tudo aquilo que foi destruído. Para levar todo nosso conhecimento tradicional, cultural, social e econômico adiante, sem interferência e destruição em nosso meio; mantendo nossos aspectos cosmológicos e toda nossa ancestralidade que preservamos até a atualidade, levando em consideração e valorizando todo o conhecimento de nossos antigos caciques e pajés (entrevista com Chola Manchineri e Toya Manchineri em 4 de maio de 2010).

Na primeira fase da colonização até meados do século XIX, até a primeira década do século XX vários grupos Manchineri foram cercados e submetidos ao trabalho forçado e escravizados. Os grupos Manchineri foram obrigados a trabalharem para os patrões seringalistas, isso se deu pela expansão da exploração da seringa e do caucho. Trabalharam como empreiteiros, guias, caçadores, remadores e até seringueiros, as mulheres por sua vez trabalhavam nas casas dos “barões” nos afazeres domésticos, e muitas dela eram violentadas sexualmente. Em Alguns momentos houve resistências por parte dos Manchineri, eles fugiam para áreas isoladas ou mesmo se juntavam a outros povos indígenas, fugiam porque eram maltratadas, suas fugas visavam à proteção de suas culturas e acima de tudo de sua estrutura social. Tais fugas para os Manchineri na época do “cativeiro” representaram recomeçar um novo começo (Valcuende, 2009: 114).

Os Manchineri aprenderam a língua dos colonizadores e começaram o trabalho nos seringais. Ali adotaram um modo de vida formalmente não indígena, embora existissem mecanismos de resistência passiva, que lhe permitiram guardar parte de suas tradições, saberes e costumes. Muitas vezes eram pagos com mercadorias e com bebidas alcoólicas, como a famosa *cachaça*, potencializando o alcoolismo. Era o tempo do cativeiro, que foi se modificando à medida que desapareciam os patrões e com eles as relações de

poder que os sustentava. Um sistema que desaparece gradualmente e cujas ramificações perduraram até os anos setenta do século XX, e que deixam marcas profundas nos aspecto cultural deste Povo.

Finalmente, escravizados os Manchineri passaram a trabalhar nos seringais como índios-seringueiros e agregados através do “sistema de aviamento”. Os Manchineri tiveram como principal “patrão” o seringalista “Canisio Brasil”, dono do seringal Petrópolis. Depois de agregados a todo esse “novo” mundo, aprenderam a língua dos dominadores e ali adotaram um novo modo de vida, um modo vida totalmente não indígena, ou seja, um modo de vida dos seringueiros, e até suas casas pós-demarcação da Terra Indígena Mamoadate é estilo seringueiro (Valcuende, 2009: 114).

Após o contato os Manchineri acaram por residir em outros lugares que já vinham ocupando, fora dos limites da terra indígena Mamoadate. Algumas famílias se mantiveram em diversas colocações Guanabara, área reivindicada por eles como terra indígena, e também na área que hoje é a reserva extrativista Chico Mendes, onde vivem alguns Manchineri e Jaminawa (FUNAI, 1977).

Tempo dos direitos

Os índios Manchineri, na década de 1970, trabalhavam na base da diária para os irmãos Brasil. Os índios trabalhavam como peões, derrubando as matas para fazer novos campos. Alguns deles trabalhavam também como caçadores e todo tipo de serviços braçais, mas o maior contingente indígena era usado para a manutenção e abertura de novas pastagens (Aquino & Iglesias, 2008).

Com o movimento de criação de cooperativas na década de 1970 e 1980, estas deram fôlego para os índios saírem das mãos dos patrões de seringais. Esse movimento, segundo o sertanista Meireles, ajudou os índios a se mobilizar pela conquista de suas terras, “os índios começaram a sair dos fundos dos seringais. Vieram a Rio Branco e começaram a ir até Brasília para reivindicar os direitos às suas terras demarcadas” (Aquino & Iglesias, 2008). O sertanista Meireles relata momentos da criação da T.I Mamoadate:

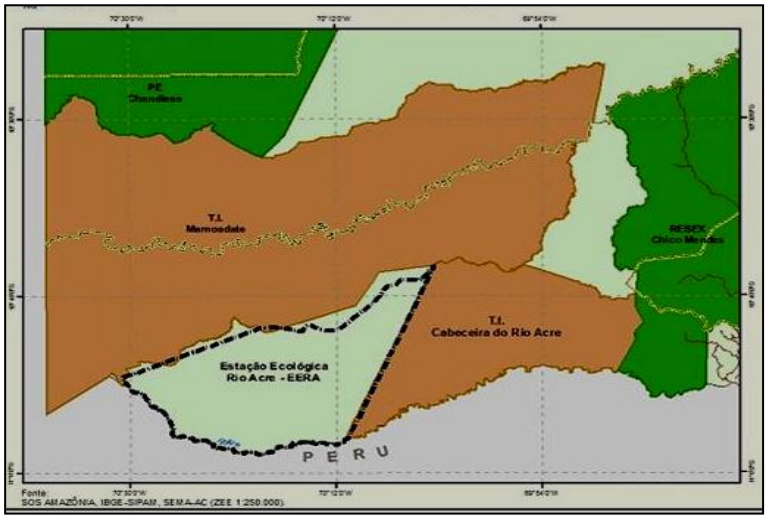
> *Os índios escolheram o local, um dia rio acima do Seringal Petrópolis, denominado Extrema para implantação do PI, de suas moradias e roças. A escolha deste local se deveu principalmente por se tratar de antiga maloca de Manchineri (...). Iniciamos o trabalho com poucas famílias, pois muitos não acreditavam ainda na atuação da FUNAI (...). Foi construído o PI, barracão, depósito, escola, campo de pouso com 700 m e desmatamento da cabeceira da pista. Paralelamente a isso, todos que lá foram trabalhar fizeram suas roças e casas. (...). A população foi aumentando espontaneamente e vem aumentando até hoje. (...) Era um "parente" que chegava hoje, trabalhava livre de pressões, fazia sua roça e casa no lugar que mais lhe agradasse, via caça e peixe com fartura, via sua roça crescer sem ser estragada por bois e voltava para buscar o resto dos "parentes" mais chegados* (Aquino & Iglesias, 19 de maio de 2008).

Com os primeiros relatórios da FUNAI/ACRE é confirmada que os Manchineri e Jaminawa, viviam como seringueiros nos seringais Guanabara, Petrópolis e em vários lugares do Rio Acre e do Iaco. A atuação de Meireles foi importante neste momento para os Manchineri e Jaminawa, pois dali para adiante eles sairiam totalmente das dependências dos barracões, e recomeçariam suas vidas na nova Terra Indígena Mamoadate, hoje uma das maiores áreas indígenas demarcada no Estado do Acre (FUNAI, 1977). Essas iniciativas são lembradas pelos Manchineri da seguinte forma:

> *Em 26 de outubro de 1978, fizemos um projeto pela FUNAI, na área indígena Mamoadate, aldeia extrema, foi um projeto de produção de café, mais não conseguimos mercado para vender e fomos vendendo café em Sena Madureira, mais as vendas não foram suficientes. Fizemos outro projeto aprovado pela OXFORD que é uma organização inglesa, esse projeto era sobre a criação de gado e a FUNAI, também financiou na época cinco cabeça de boi, esse financiamento foi em 1982. E até hoje os Manchineri criam boi, e esse projeto deu certo para os Manchineri* (José Severino da Silva, entrevista realizada por Alessandra Manchineri em 20/05/2010).

Das antigas ocupações territoriais, os Manchineri vivem atualmente, na fronteira tri-nacional entre o Acre (Brasil), Pando (Bolívia) e Madre de Dios (Peru). No lado brasileiro vivem nas margens do Rio Iaco, na Terra Indígena Mamoadate (que é partilhada com os Jaminawás), com uma extensão de 313.646 hectares, localizada nos municípios de Sena Madureira e Assis Brasil. Atualmente possui uma população de aproximadamente 900 índios distribuídos em 07 aldeias (ver mapa 01).

Mapa 01 - Terra Indígena Mamoadate - Acre/Brasil



Fonte: SOS Amazônia, IBGE, SEMA – AC/ZEE 1:250.000

Além dessa terra habitam a Terra Indígena Manchineri do Seringal Guanabara que se encontra em processo de identificação e, na cidade de Assis Brasil, como ressalta Valcuende (2009):

> *Hoje, os Jaminawa, Manchineri e outras populações Nativas, além de viverem nas terras indígenas, são encontrados também em Rio Branco capital do Acre; em Brasiléia, especialmente no bairro Samaúma; cidade de Assis Brasil, em Bolpebra ou próximas a capital da província de Tahuamanu, Inãpari (p. 156).*

No lado peruano, vivem na Comunidade Nativa de Belgica, numa área de 53.300 hectares. Autodenomina-se de Yine, embora a comunidade tenha um caráter pluriétnico. Alguns se dizem Piro. Há ali também quatro irmãos, com suas famílias, que chegaram do Rio Tahuamanu, onde viviam trabalhando em uma madeireira e que autodenominam Manchineri (ver quadro 01).

Quadro 01 – Terras Indígenas do Povo Manchinery na Zona da Tríplice Fronteira

Terra Indígena-Povo	Pop.	Extensão (ha)	Município-Departamento	País-UF
Mamoadate (Jaminawa e Manchineri)	576	313.647	Sena Madureira-Assis Brasil	BR-AC
Seringal Guanabara (Manchineri)	92		Assis Brasil	BR-AC
Comunidade Nativa Bélgica (Yiné-Piro-Manchineri)	90	53.300	Iñapari	Peru-Tahuamanu
Terra Comunitária de Origem Yaminahua (Jaminawa e Manchineri)	102	41.920	Bolpebra	Pando-Bolívia

Fonte: Valcuende, 2009.

A população Manchineri estar presente também na Bolívia, vivendo entre outras áreas, na “Terra Comunitária de Origem Jaminawa-Manchineri”. Os jaminawa e Manchineri, no caso do Município de San Pedro de Bolpebra, estão distribuídos em diferentes lugares, como San Miguel de Manchineri e a aldeia Jaminawa. Vivem especialmente da exploração de madeira, que é complementada por outras agriculturas de subsistências (Valcuende, 2009).

Mobilidade Territorial

As conversas que tivemos com os índios mais idosos nos ajudaram a compreender o imbricado que é a questão migratória para esse povo. Entrevistamos Jaime S. P. Manchineri, o qual nos contou um pouco da sua trajetória, como podemos perceber na fala abaixo:

> *Eu nasci em Pampa Hermosa/Peru, e moro atualmente na Terra Indígena Mamoadate, aldeia Jatobá desde 1985. Neste mesmo ano meu pai veio visitar uns parentes da mulher dele, que ela tinha aqui no Mamoadate e que eram Manchineri do Brasil. Desde esse ano fiquei aqui, porque as condições sociais aqui das comunidades eram bem melhores que as dos Piro do Peru. Hoje uns Manchineri criaram uma Terra Indígena no Peru chamada Bufeo Pozo, e vivem lá (Jaime Sebastião Prishico Manchineri, entrevistado por Alessandra Manchinery, em Rio Branco em 2009.*

Os Piro são localizados ocupando uma vasta área no Ucayali e ocupando uma área conhecida como aldeia Diamantina. Steward & Metraux (Brasil, 2009) localizam os Piro também em Tambo e Urubamba. Os antigos Manchineri afirmam que os diferentes grupos “*pimrine*”, fariam partes com suas especificidades de uma grande etnia chamada Yine. Alguns Manchineri da Terra Indígena Mamoadate e outros que vivem na cidade de Assis Brasil confirmam essa versão e explicam que o nome *Manxinerune*, cujo nome os "brancos" não conseguiam pronunciar corretamente e se transformaram em Manchineri.

Na cidade de Assis Brasil há também presença de índios Manchineri brasileiros, peruanos e bolivianos que além de fazerem suas compras nesta cidade e receberem tratamento de saúde, também residem nesta cidade. A representação da cidade pode ser apreendida a partir desta fala:

> *Hoje nós plantamos, pescamos, colhemos, temos nossas casas, não passamos frio nem fome. Na cidade tem muito menino no meio da rua sem mãe e passando fome, na aldeia não. Enquanto tivermos nossa terra, vamos*

ter tudo isso que temos aqui: banana, macaxeira, carne de caça e peixe. Só vamos para cidade para comprar. Antigamente não era assim. Os mais novos tão indo para a cidade para estudarem porque aqui só tem a 5ª serie, e precisamos ver os Manchineri trabalhando com os próprios Manchineri e conhecendo a lei do "branco" para nós nunca perdemos nossas terras (Jaime Sebastião Lhulu Prishico Manchineri, entrevistado por Alessandra Manchinery em 23 de Abril de 2010).

Os Manchineri de San Pedro de Bolpebra, de Inãpari e do Mamoadate fazem parte do cotidiano da cidade de Assis Brasil e são vistos freqüentemente fazendo compras, trabalhando, em bares e na praça principal da Cidade de Assis Brasil. Outros Manchineri por sua vez são também assistentes de governantes políticos, e alguns agentes de saúde, outros professores efetivos do quadro do Estado do Acre e que dão aula nas aldeias mais que moram em Assis Brasil (Chola Manchineri, entrevista realizada por Alessandra Manchinery em setembro de 2009).

Os espaços urbanos dessas três fronteiras vão sendo incorporado no cotidiano dos Manchinri, Piru e Yine. Habitualmente vimos Yine indo ao Distrito de Inãpari para fazerem compras alimentícias e de vestimentas. Os Manchineri fazem esse tipo de movimentação porque é necessário, precisam de assistência médica, pois após a era dos "barracões" eles adquiriram doenças desconhecidas por eles. Os Manchineri de San Pedro de Bolpebra estão localizados em San Miguel próximo a capital provincial de Tahuamanu. Estes por sua vez vivem especialmente da exploração da madeira e de outros meios de subsistências. Já na Bélgica e sem duvida um exemplo perfeito de que representou a economia caucheira a partir do qual muitos grupos foram "desindianizados". Foi sem duvida necessário esperar para que muitos grupos indígenas destas regiões reafirmassem sua Identidade (Valcuende, 2009: 158).

Estas reafirmações de identidades deram-se principalmente através das reivindicações de seus territórios e do reconhecimento de suas culturas, pois estas são milenares, assim como sua cosmologia e também a partir da recriação da memória dos mais idosos, pois somente isso lhes permite ocuparem um lugar no mundo e começar aquilo que os foi negado.

Cultura

Os Manchineri vivem em um processo de resgate da cultura tradicional, pois uma das conseqüências do contato com o homem branco foi à perda de

parte de suas tradições. Nas chamadas "correrias", os Manchineri foram divididos em grupos: os explorados e escravizados pelos seringalistas, que os transformaram primeiro em mateiros e guias na busca de novas frentes de seringa, e depois em seringueiros e trabalhadores domésticos. Outra parte dos Manchineri foi levada para o Peru e Bolívia por caucheiros, e forçados a trabalharem com mão de obra barata. Como veremos nesta fala:

> *A chegada dos não-índios representou para nós um novo contato, uma nova cultura, impondo aquilo que, no momento, as pessoas achavam que era importante para elas. Estavam buscando um novo mundo, mas na medida em que buscavam, eles prejudicaram outras pessoas, no caso os povos indígenas.*
>
> *E também a entrada tanto do sistema capitalista, do sistema religioso, prejudicou a existência dos povos indígenas, com as suas culturas diferenciadas das demais. Tanto o sistema econômico que via o índio como meio de mão-de-obra para servir os senhores da época, quanto a religião que via os índios como seres sem alma.*
>
> *Portanto, a contribuição foi o extermínio de diversos povos e de diversas culturas, onde as pessoas, membros de povos indígenas, se sentiram envergonhadas ou até proibidas de exercer o seu idioma, a sua cultura.*
>
> *A história nos apresenta que nesta época existiam em torno de cinco milhões de pessoas, para mais de 900 povos. No presente momento nós estamos em torno de 334 mil pessoas, de 215 povos. Então, nós podemos aí tirar uma conclusão do que significou este contato para os povos indígenas.*
>
> *No entanto, nós não achamos que esteja tudo perdido, porque nós acreditamos muito naquilo que nós fazemos através de nossa forma de organização. E nesse momento nós estamos num processo de formação de opinião, principalmente da definição do que nós queremos para o futuro.*
>
> *Estou falando de uma autonomia dos povos indígenas, onde a gente possa viver com dignidade e paz, tanto entre nós, como membros de povos indígenas, quanto entre as demais classes sociais, porque a convivência é necessária, e nós precisamos que as pessoas respeitem umas às outras e nós esperamos um mundo verdadeiramente civilizado e um mundo verdadeiramente humano, onde a gente possa exercer nossas diferenças, porém, sendo respeitados pelos demais (Sabá Haji Manchineri em 04 de Abril de 2.000)*

A cultura Manchineri refere-se a todo conjuntos de símbolos que permite uma comunicação entre os Manchineri que vivem na Tríplice fronteira Brasil, Peru e Bolívia, e isso implica muitas das vezes em um estabelecimento de obrigações recíprocas e a convergências em termos de crenças e de valores. Isto abrange fenômenos que podem situar-se em escala infra-societária e abranger contextos mais amplos e internacionais como é o caso dos Manchineri, vejamos mais um depoimento:

Os Manchineri ou mesmo Piru que vivem no Peru conseguiram manter a cultura porque não foram tão dispersados, não sofreram pressão cultural como os que ficaram nos seringais. Hoje nós só conhecemos cinco ou seis tipos de pinturas corporais e falamos nossa língua. As danças, os Rituais, muitas pinturas e outros costumes se perderam. "Quando nos encontramos com os Manchineri que vivem no Peru tentamos reaprender nossos costumes e já até fizemos um intercambio cultural realizado através da organização MAPKAHA" (Jaime Lulhu Prishico Manchineri. Entrevista realizada por Alessandra Manchinry em novembro de 2010).

A relação entre cultura e sociedade (sociedade nacional ou não indígena ou mesmo "branca"), não é de maneira alguma unívoca, pois uma sociedade indígena ela é composta por uma multiplicidade de culturas que mantém uma com as outras relações e em si um debate dentro da própria comunidade indígena. Pois esta mesma relação expressa uma visão de universo, do que é realmente o universo indígena e, e quase sempre, cumpre uma função utilitária no cotidiano da própria comunidade indígena. Mas esta visão vem sendo influenciada pelas mais variadas formas de pressão a que estão submetidos os povos indígenas do Brasil em geral, em especial aqueles povos que vivem em tríplices fronteiras, cujas terras são ambicionadas pelos regionais, pela estadual é pelo Estado-Nação, em virtude das riquezas da flora, fauna e do subsolo.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Há laços comerciais desde a época da Colonização Amazônica entre os Manchineri e outros indígenas dessas regiões fronteiriças. Mesmo porque esses grupos indígenas habitavam a região do "Grande Aquiri" e do Vale do Purus e mantinham contatos permanentes (de caráter comercial ao menos) com sociedades andinas. Uma afirmação que é corroborada por afirmações de autores como Chandless e Euclides da Cunha. Mas que, além disso, parece ser indicativa de relações muito mais profundas e permanentes do que até aqui se supunha e veremos adiante tais laços hoje confirmados. A formação dessa fronteira causou sérios problemas para os Manchineri, Piro/Yine e Jaminawa além de outros povos que possivelmente pagaram com seu desaparecimento por causa da expansão e exploração gomífera. Neste caso convém lembrar-se dos Inãpari, que acreditam que possivelmente eles compõem parte dos povos voluntariamente isolados ainda não identificados. E este por sua vez eram da

tradição aruak, as mesmas que os Manchineri, os Inãpari em via de desaparecimento de outro povo chamada Maneteneri, que são os atuais Manchineri (Manxinerune). Notemos que mesmo antes da exploração da Amazônia que trouxe sérios problemas a esses povos, os mesmos já mantinham as mais diversas relações sociais e até mesmos comerciais que permanecem até os dias atuais.

Vemos que a fronteira é delimitada e imposta por poderes nacionais e políticos. E entra na rotina destes povos que ali vivem, no caso dos Manchineri, alguns acham o Brasil melhor em relação à questão indígena e o governo Federal. Pois na Bolívia e no Peru, países vizinhos: “índio não tem vez”. Os Manhcineri que vivem nesta fronteira vivem ora cá, ora lá e são bilíngües, pois essa movimentação exige deles falar o português, além de seu idioma materno. Os mesmos fazem parte de uma mesma fração de Povos formada na tríplice fronteira, é que a mesma é disputada pelo sistema do atual capitalismo, se antes foi um domínio Colonial, hoje é um domínio ideológico dos Estados Nacionais.

O modo de ver o mundo, dos Manchineri, está associado às apreciações de ordem moral e valorativa e dos diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (LARAIA, 2001: 36). Mas, qualquer que seja a sociedade, não existe a possibilidade de um indivíduo dominar todos os aspectos de sua cultura. Isto porque, "nenhum sistema de socialização é idealmente perfeito, e em nenhuma sociedade o são, são todos os indivíduos igualmente bem socializados, e ninguém é perfeitamente socializado. Um indivíduo não pode ser igualmente familiarizado com todos os aspectos de sua sociedade; pelo contrário, ele pode permanecer completamente ignorante a respeito de alguns aspectos” (LARAIA, 2001: 43). Por fim, não pretendo afirmar algo, mais intenciono refletir o que é a cultura do Povo Manchineri e que momento eles estão ligados as suas multiplicidades culturais, vivendo na tríplice fronteira. Qual o significado dessa produção de cultura que se fornece regras para o viver em sociedade, sem as quais seria impossível compreendermos um ao outro, porque estes possuem relações de poder, muito mais do que no conjunto de saberes e símbolos coletivamente partilhados e nem todas as funções dentro da Comunidade Manchineri são

considerados como iguais, porque cada Manchineri tem uma função diferente dentro de sua comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Txai Terri Valle de & IGLESIAS, Marcelo Piedrafita. (19 de maio de 2008). **Entrevista com o sertanista Meirelles (parte III).** Rio Branco, Jornal Página 20.

FUNAI. (1977). **Jaminawa e Manchineri do Alto Rio Iaco**. Brasília, Núcleo de Historia Indígena e do indigenismo.

GOVERNO do Estado do Acre – SEMA, 2009

LARAIA, Roque de Barros. Cultura um conceito antropológico. 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge"Zahar Ed., 2001

MORAIS, Maria de Jesus. (2008). Acreanidade: invenção e reinvenção da Identidade Acreana. Niterói: UFF. Tese (Doutorado em Geografia).

BRASIL, República Federativa do. (2009). O Tratado de Limites Brasil-Peru. Brasília: Senado Federal.

PICCOLI, J. C. (2006). A "Estrada do Pacífico" contra os Manchineri e Jaminawa: impactos e mitigações. IN: DEL RIO, J. M. V. & CARDIA, Laís M. **Territorialização, Meio Ambiente e Desenvolvimento no Brasil e na Espanha**. Rio Branco, EDUFAC.

SAYAD, A. (1998). **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: EDUSP.

TRUZZI, Oswaldo. (2008). **Redes em Processos Migratórios.** Revista de Sociologia da USP - Tempo Social. São Paulo. V. 20, n 1.

VALCUENDE, José Maria (Org.). (2009). **História e Memórias das três Fronteiras**: Brasil, Peru e Bolívia. São Paulo, EDUC.